



Desenho de João Abel Manta

Há quem diga que «tanto Pessoa já enjoa». Se tomarmos o poeta como uma «moda», haverá que dar razão a quem o afirma... O drama que nos coloca este «camaleão-de-si» é que deixamos de saber quem inventou quem e ficam os jornais com a grata mas assustadora tarefa de assinalar efemérides como o centenário do seu nascimento, que ontem passou. Para começar, muito há a dizer a respeito de

Pessoa e os enjoados

Teresa Rita Lopes

Que interesse pode ter continuar a emitir opiniões sobre Pessoa quando a obra continua, em grande parte, por conhecer?

Não, não é bizzarria afirmá-lo, nem exagero retórico: é mesmo tristemente assim. De facto, até estou com os que dizem que «tanto Pessoa já enjoa» se for desse, remastigado, re-jorgitado, refervido. Só que é preciso analisar o que os faz dizer, a esses que o dizem, que estão enjoados. E acho que vale a pena começar por dedicar a esta atitude tão generalizada uma rápida reflexão.

Quem é que se sente enjoado e quem é que se sente lesado com a voga pessoana?

Podem-se sentir enjoados os que consomem Pessoa espetado num palito nos «coquitêus» da inteligência pátria e não só. Esses eu compreendo-os: toda a superficial excitação dos sentidos, seja ela qual for, exige mudança, variedade. As modas são, por natureza, efémeras. Quem consome Pessoa como qualquer outro artigo em voga — coisa ou vedeta — tem por força que estar enfadado. Mas o problema é dele — é deles.

Se Pessoa passou, como tem passado — para o chamado «imaginário» pátrio (para usar também palavras na moda), por ter sido incorporado nessa leiva a que se chama cultura. Se falando ou escrevendo ele nos acode ao espírito substituindo outras fontes de sabedoria perdida (a de tradição oral, os chamados clássicos) é porque o homem tem necessidade de se alimentar interiormente de algo que esteja acima do seu quotidiano de «cadáver adiado que procria». Por mais eficaz que se sinta, mais em dia com seus deveres cívicos e religiosos, o ser precisa de interlocutor para essa demasia de afectividade

e imaginação que as suas tarefas quotidianas não absorvem nem satisfazem. Havia, dizem, durante a guerra uma fome específica a, a de pão, a do pão às secas, que o mais delicioso pão-de-ló do mundo não enganaria. A poesia é o pão para essa fome — e refiro-me à poesia primordial, antes de ter sido empacotada e rotulada de romance, teatro, pintura, escultura, música, etc., etc. (Bem que a gente de Orpheu — Almada à frente, neste caso — percebeu que a arte é só uma, como os homens da Renascença e do Simbolismo sonharam, a sua expressão é que toma formas diferentes.)

Chego, por isso, à minha de dizer que Pessoa enjoa se for consumido mundanamente, superficialmente, apenas nos suplementos culturais dos jornais ou públicas comemorações inevitáveis, mas não enfastia esses a quem alimenta a fome quotidiana de poesia. Vamos descansar todos, findas as comemorações do Pessoa-caviar e deixem-nos de novo a sós com o Pessoa-poesia, pão nosso de cada dia.

«Todos os dias faz anos que se inventaram as palavras», escreveu o Almada, em quem a poesia se fez prosa, teatro, pintura, sei lá que mais. É essa palavra poética que vale a pena comemorar todos os dias, cada um a sós consigo. Não fazer como a maioria dos crentes nas suas religiões que, cumpridos os rituais deveres de «desobriga», se entregam, de consciência leve, às suas quotidianas batotas e traições para com a divindade venerada.

Poesia e latas de conserva

Se digo que Pessoa é a poesia, não exprimo apenas um sentimento pessoal mas uma constatação: no decorrer duma leitura, duma conversa lá vem a sua voz, sem já ser preciso no-

meá-la. E a verdade é que o ser tem necessidade desse alimento para a sua imaginação, desse ponto de referência para a sua expressão. Os seres da cidade, inteiramente desenraizados duma cultura de tradição oral e à margem da cultura assinada veiculada por livros que não lêem, só têm para matar a sua fome os enlatados dos chamados meios de Comunicação Social. E se há coisa de que a criatura depressa se enjoie é de latas de conserva. É assim que nas lojas, na rua e nas escadas do prédio, quando não na própria casa, as personagens e os dizeres da novela televisiva em curso são o único alimento para as comparações e metáforas que os seres precisam de fazer para extrairer às conversas do quotidiano qualquer chispa de imaginação. E ainda é o que vale. Porque se não fosse esse apelo para o gratuito, o amor e a fantasia, que outros meios teria realmente o homem comum para se arrancar à sua condição de «besta sadia» — e nem sequer — «cadáver adiado que procria», como diz o outro.

Tudo está em não transformarem Pessoa num enlatado qualquer. Isto é: tudo está em não transformarem a Poesia em lata de conserva.

Os enjoados podem ser de duas categorias: os ignorantes e os despeitados.

Nos da primeira categoria até eu me incluo: enjoei de discutir se Pessoa é assim ou assado, cozido ou frito enquanto não acabar de conhecer as facetas ocultas de Pessoa. Enquanto não se puder desenhar o mapa desse planeta afinal ainda por conhecer, não me apetece refazer a visita dos santuários consagrados (porque isso são, para mim, os cultos mortos) ir pôr flores no «Menino de Sua Mãe» ou acender uma velinha no altar da Mensagem, bíblia dos adiados à espera da sua

Hora.

Mas os enjoados que mais proclamam o seu enjoo são os que nem sequer conhecem a obra publicada. Não leiam o que Pessoa escreveu mas o que se tem vindo a escrever sobre Pessoa. É o que se pode chamar o enjoo de Pessoa por interpostas pessoas.

Mas ainda há outro tipo de enjoados: os despeitados. Já nos anos sessenta, numa conferência na Sorbonne, assisti a uma reacção deste tipo do grande homem, mas às vezes tão enternecedoramente menino pequeno, que foi Jorge de Sena: depois do director do Instituto, o Professor Bourson o ter apresentado nos seguintes termos: «... au Portugal, après Pessoa, Sena» o seu descontentamento foi flagrante. E toda a sua palestra foi no sentido de mostrar os fracos de Pessoa e de assim, quem sabe, inverter a ordem segundo a qual tinham sido apresentados... É humano, pois, esse ciúme, e nem o mais pintado poeta dele está livre...

mas vamos lá a ver:

Sentir-se-ão os lesados minguar e murchar por crescerem à sombra dessa frondosíssima árvore que assim se revela castradora dos talentos que quer fazer brotar e alimentar? O que acontece na agricultura poderá reproduzir-se na cultura, sem agri-? Assistiríamos assim a um grave fenómeno de atrofia da criatividade pátria que poderia mesmo dar origem a mais um exódo para o estrangeiro dos criadores abafados. Fugiriam, neste caso, não de Salazar, mas de Pessoa, para fora do alcance dessa imensa sombra que os impede de se poderem exprimir. (Só que teriam que procurar países mais longínquos que os anteriores emigrados políticos porque em França é o que se sabe: abrem o Libération e dão de caras com

a afirmação que «A Tabacaria» é o mais belo poema do mundo, atiram fora este jornal, pegam no Le Monde e ao seu encontro a lista dos inúmeros pessoas todos os dias nomeados e traduzidos dados à luz por várias editoras... Deitam fora todos os jornais, abrem a rádio, e salta-lhes uma voz da France Culture, aliás várias vozes, as dos muitos que por cá andaram a conhecer o país de Pessoa, a longamente ouvir não só os seus artistas mas a gente das ruas. Nem sequer compensam o triste exilado ouvir dizer que neste momento a literatura portuguesa é uma das mais interessantes do Mundo... Vão comprar jornais espanhóis, para variar desta sela. E logo no editorial: «Saí hoje de casa com o meu Pessoa no bolso...» E já nem sequer lêem a afirmação, nessa ou noutra página, de que a literatura portuguesa é uma das mais ricas literaturas contemporâneas.

Perseguidos e abandonados

Cansado de ser desfeitoado, o nosso exilado, sem meios nem vontade de se autodegradar em qualquer perda ilha do Pacífico para definitivamente ficar ao abrigo da agressão pessoana, sente-se ao mesmo tempo perseguido e abandonado.

Mas há sempre um conselho que se lhe pode dar: deixe de comprar jornais e de ouvir a rádio. E faça como Pessoa quando regressou a Portugal em 1911, com a família, em gozo de férias, para uma curta estadia de um ano. Datam de então os seus primeiros jornais, O Palrador e a Palavra inteiramente escrito (à mão) por ele só, mas já aí brincando a ser muitos. Num desses números (de 1902) não só se multiplica pelos vários autores colabora-

dores como até dá a bibliografia de uma deles; Eduardo Lança, por sinal brasileiro da Bahia, poeta, formado em comércio, autor de vasta obra, radicado, naquele momento, em Lisboa, e apurando-se a escrever, como diz o apresentador «num estilo verdadeiramente português». (E já agora e só entre-parêntesis, que o pobre enjoado se não lembre de emigrar para o Brasil porque aí, se o enjoo matar, terá morte instantânea.)

Mas enquanto o enjoado por cá fica a curtir esse terrível (imagino) mal-estar, vai dizendo e, naturalmente, deixando proliferar uns dislates que, esses, para os que cá ficam, convém serem desfeitos: alguém disse, por exemplo, recentemente em cerimónia pública no pleno exercício das suas funções de crítica e, ainda por cima de um conhecido e internacional Club, e numa das nossas catedrais de cultura, que publicações do tipo da Hora do Diabo, de minha responsabilidade, eram «montagens» e mereciam o seu repúdio. Que leia o enjoado crítico a obra que critica — o texto e as numerosas anotações —, e reparará que, estando o texto como a esmagadora maioria dos textos de espólio em folhas soltas, reconstituí-lo implica agrupá-las segundo o critério que o convívio que cada um tiver com o Poeta lhe permitir (o meu vai para cima de trinta anos). Ou vamos deitar fora as mais de dez mil folhas soltas ainda inéditas de Pessoa que Pessoa assim deixou e os seus posteriores arrumadores desarrumaram? E para quê? Para livrarmos os enjoados do Pessoa e das pessoas que lhes fazem sombra?

E que outro critério não há — chame-lhe montagem se quiser — para tratar as mais de dez mil folhas soltas ainda inéditas.